

Linhagem das origens ideológicas da al-Qa'ida

O retrocesso até às possíveis origens do atual conceito de *jihad* pode ser feito até Ibn Taymiyya, séc. XIV e séc. XIII, aquando das invasões Mongóis ao território muçulmano do Califado Abássida. Este momento é importante pelo fato de que, aos olhos de Taymiyya, estamos perante o estado de *jahiliya*, que só pode ser ultrapassado através de um regresso de forma pormenorizada à época de Maomé. Para tal é necessário recorrer de forma exclusiva ao Qur'an e às *hadith*¹, para que não existam interpretações secundárias nem variações do que pode ou não ser considerada a forma de viver islâmica.

Jamal al Din al Afghani pega neste regresso defendido por Taymiyya, e no séc. XIX, ao assistir ao contínuo declínio do mundo islâmico, expande sobre estas ideias. Considera que a *ummah* perdeu o seu sentido e direção, e que essa é a razão pela qual o Islão não recupera dos assaltos e pressões que tem vindo a sofrer, e, para sustentar de forma doutrinária o regresso ao verdadeiro Islão proposto por Taymiyya, introduz o salafismo², em moldes semelhantes ao que nos é conhecido dos fundamentalistas radicais atualmente. De notar que para Afghani, o Islão não é incompatível com a evolução e até mesmo incorporação de maneirismos da vida ocidental na *ummah*, partindo do pressuposto que, tal não altere o núcleo da vida islâmica.

No início do séc. XX, Muhammad Rashid Rida, um dos seguidores de Afghani envereda pelo caminho, que aqui argumentamos, foi o momento decisivo no desenvolvimento da vertente fundamentalista radical do Salafismo. Rashid Rida, entende, que o regresso ao Islão puro só pode ser feito de uma forma, aquela proposta por Taymiyya. Ou seja, uma interpretação estrita do Qur'an e seguimento exclusivo das *hadith* como condutoras da vivência no Islão, desprovidos de qualquer influência externa, neste caso referindo-se à aceitação de alguns formatos ocidentais por Afghani. Para Rida, o Egipto encontrava-se num novo estado de *jahiliya*, e o salafismo, através da sua interpretação rígida do Qur'an representava a resposta³.

Quando em 1924 Kemal Ataturk dissolve o Califado e procura a secularização da Turquia, o Egipto é influenciado ideologicamente. Especificamente ao falarmos de Hassan al Banna. Este egípcio vê com amargura o que se sucede na Turquia, e considera que a *ulema* contribui para a queda do islamismo, ao declarar que não existindo um Califado, os muçulmanos não podem viver estritamente de acordo com o Qur'an e as

¹ Turner. p. 547

² *Idem*, p. 548

³ *Idem, ibidem*, p. 548

hadith, o que o leva a criar a *Ikhwan al Muslimin*⁴. Esta irmandade tem como objetivo a instauração de um governo dirigido unicamente pelas Leis de Deus, no fundo, um Califado, tendo em atenção que neste contexto al Banna considerava apenas a situação do Egípto, não existindo neste momento a conceção de Califado entendida por Bin Ladin. Aqui, surgem as primeiras ligações entre morte por Allah e luta. Embora neste momento a luta esteja mais ligada à *ijtihad*,

Da *Ikhwan al Muslimin* sai, o expansor do jihadismo-salafi. Sayid Qutb. Após uma visita aos EUA, Qutb enraíza as suas crenças relativamente aos males que afetam o Islão. Tendo regressado ao Egípto, a sofrer de um choque cultural depois de testemunhar os excessos americanos, Sayid Qutb ocupa o lugar de al Banna na Irmandade Muçulmana, e entende, que o simples conceito espiritual ligado à *jahili* é insuficiente para acordar a *ummah*. É necessário que a religião tome o seu lugar como guiadora de todo o processo social, económico e político, na gestão da sociedade⁵, ao ponto que deslegitima o governo Egípcio⁶, e também, declarando o Ocidente como inimigo do Islão⁷. Aqui consideramos, um segundo momento importante no caminho ideológico para a al-Qa'ida. A revolução é o único caminho de regresso ao verdadeiro Islão. Qutb, efetivamente, dá à *jihad* a conotação à qual mais facilmente associamos hoje em dia. A guerra santa contra o ocidente em nome da salvação da *ummah* e o regresso à vida como preconizada por Maomé, segundo Allah. Simultaneamente o Ocidente ganha uma ligação estreita à secularização do Egípto, contribuindo para a sua futura demonização pela próxima geração de pensadores extremistas.

O assassinato de Anwar Sadat provocou uma resposta violenta por parte das autoridades Egípcias, o que levou a que muitos membros ligados a este novo extremismo islâmico fossem forçados a sair do território e procurar santuário. É neste momento que encontramos referência ao palestino Abdullah Yusuf Azzam. Esta figura possui um doutoramento relacionado com as raízes da Lei Islâmica, fato que acaba por legitimar as suas futuras escritas acerca do Islão e do papel dos *mujahideen* no regresso ao Califado. Na primeira metade dos anos 80 Azzam segue para Peshawar, no Paquistão, e forma o *Makhtab al-Khadamat al-Mujahideen*, um centro administrativo e de recursos humanos,

⁴ *Id., ib*, p. 548

⁵ *Id., ib*, p. 549

⁶ Gerard Chaliand and Arnaud Blin, *The History of Terrorism: From Antiquity to Al-Qaeda* (University of California Press, 2007). p. 283

⁷ Jeffrey Haynes, 'Al Qaeda: Ideology and Action', *Critical Review of International Social and Political Philosophy*, 8.2 (2005). p. 183

para receção e roteamento de voluntários para a *jihad* afegã⁸. Neste momento da história, encontramos-nos a par com a invasão soviética do Afeganistão. Nesta organização além de desenvolver os seus textos acerca da condição do Islão e da *jihad*, Azzam é ajudado pelo jovem Bin Ladin, que porventura se torna seu protegido.

Em 1989, após o fim da guerra no Afeganistão e a morte de Azzam, Bin Ladin pega numa estrutura já existente, com uma logística, rede e contatos abrangentes e cria a al-Qa'ida, a partir de uma ideia já proposta por Azzam, a *al-Qa'ida al-Sulhah*, que seria a base para todos os ex-combatentes da guerra contra a União Soviética⁹, também conhecidos como os árabes afegãos, com Ayman al Zawahiri, aliando poder económico e teologia respetivamente¹⁰. Ambos, fortemente influenciados pelo extremismo já demonstrado por Azzam e da sua descrição do purismo da *jihad*, em que existia apenas esta condição, sem espaço para negociações ou diálogos¹¹.

Como vemos, o Islão teve um longo processo de transformação ideológica fundamentalista radical até aos dias de hoje, de forma a poder contextualizar uma leitura restrita feita pelos Sunitas, para que se possa justificar a *jihad* como uma forma de luta pela *ummah*, que se considera adormecida e a necessitar de um Califado, onde possa prosperar em paz e segurança. De salientar, que nas ideias defendidas por Azzam, o Islão não conhece fronteiras territoriais, espaços físicos delineados, o que também confere um marco importante para a conceção do Califado que Bin Ladin apresenta à comunidade global. Este fato está também presente no *ethos* da al-Qa'ida, que pretende não apenas o local ou regional, mas mundial.

⁸ Asaf Maliach, 'Bin Ladin, Palestine and Al-Qa'ida's Operational Strategy', *Middle Eastern Studies*, 44.3 (2008). p. 354

⁹ *Idem*, p. 355

¹⁰ Turner. p. 551

¹¹ Brynjar Lia and Thomas Hegghammer, 'Jihadi Strategic Studies: The Alleged Al Qaida Policy Study Preceding the Madrid Bombings', *Studies in Conflict & Terrorism*, 27.5 (2004). p. 356